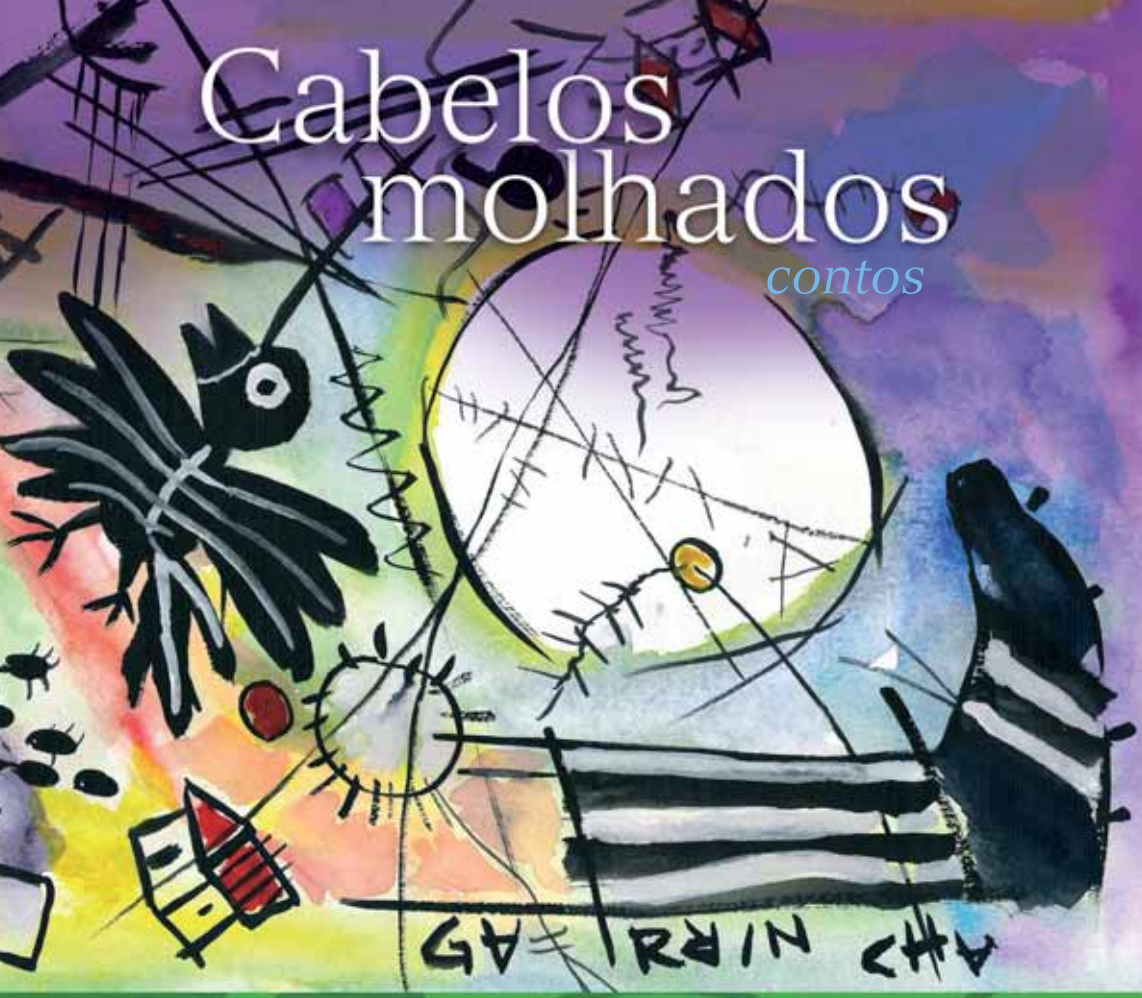
Cabelos molhados

contos



LITERATURA PARA TODOS

Luís Pimentel

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Cabelos molhados

I Concurso Literatura para Todos

Consultora Pedagógica
Ira Maciel

Comissão de Pré-seleção das Obras
Cristiane Costa
Heitor Ferraz Mello
Júlio César Valladão Diniz
Maria da Luz Pinheiro de Cristo

Comissão Julgadora
Antônio Torres
Heloisa Jahn
Jane Paiva
Lígia Cademartori
Magda Soares
Marcelino Freire
Milton Hatoum
Moacyr Scliar
Rubens Figueiredo

Ministério
da Educação

Esplanada dos Ministérios
Bloco L – 7º andar – Sala 710
literaturaparatodos@mec.gov.br
www.mec.gov.br

Cabelos molhados

contos

Luís Pimentel

1ª Edição

Brasília – 2006

LITERATURA
PARA TODOS

Título original: Cabelos molhados
Autor: Luís Pimentel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pimentel, Luís.
P644 Cabelos molhados / Luís Pimentel. – Brasília : Ministério da Educação, 2006.

84 p. : il. ; 18 cm. -- (Coleção literatura para todos ; v. 10)

ISBN: 85-296-0052-5

1. Conto brasileiro. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.3
CDU 821.134.3(81)-34

Ano 2006

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros sem autorização prévia por escrito do Ministério da Educação ou do autor.

Índice

Apresentação 8
Prefácio 10
Cabelos molhados 13
O prejuízo 18
Garrincha 21
A viagem 23
Conversa de homem para homem 29
O desejo 32
Quem matou o cachorrinho? 35
O homão e o menininho (uma fábula) 44
Nem minha mãe 46
Para Lennon e McCartney 49
O ídolo 53
Um dia difícil 55
Dia das mães 58
Não é uma questão pessoal 61
O faroleiro 63
Oito dias 67
Entrevista com o autor 76

Caras leitoras e caros leitores,

É com enorme satisfação que apresento a Coleção Literatura para Todos, pensada e escrita especificamente para vocês, alunos e alunas do Programa Brasil Alfabetizado e alunos e alunas que estão dando continuidade a seus estudos nas salas de aula de educação de jovens e adultos.

Esta coleção, composta por dez livros – poesia, conto, novela, crônica, tradição oral, biografia e peça teatral –, é fruto de um concurso nacional lançado em 2005 pelo Ministério da Educação. As obras foram escolhidas entre os mais de dois mil textos submetidos à comissão julgadora. Muitas pessoas foram envolvidas no processo de criação, o que representou um verdadeiro mutirão, um esforço coletivo. Mas quais os motivos que levaram o Ministério a realizar o Concurso Literatura para Todos e agora lançar a Coleção Literatura para Todos?

A primeira resposta é dada pelo próprio título do concurso e da coleção – Literatura para Todos. O Ministério acredita que o acesso ao livro e à leitura é um direito de todos. Nós todos temos o direito de ler e ter acesso a livros

da mesma forma que a Constituição Federal nos garante o direito à educação. Por isso, em 2003, o governo criou o Programa Brasil Alfabetizado, para garantir, aos jovens e adultos que nunca tiveram esse direito, a oportunidade de aprender a ler, escrever e fazer as operações matemáticas básicas.

Acima de tudo, o Ministério foi motivado por acreditar que o acesso ao livro e a criação do hábito de leitura são essenciais para fortalecer a nossa cidadania e também como alicerce para outras aprendizagens. A leitura nos permite entender melhor o mundo a nossa volta e conhecer melhor também quem somos nós. Por meio da leitura, ganhamos acesso a outras informações e novos conhecimentos.

A Coleção Literatura para Todos visa, assim, oferecer um conjunto de livros, produzido com muito carinho e zelo, que proporcionará a vocês leitores um grande prazer – o prazer de ler, de viajar, de criar e de fazer parte de uma nova comunidade: a de leitores. Pelo menos, é assim que esperamos. Brasil, país de todos – Brasil, comunidade de leitores!

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

Ministério da Educação

Com quantas palavras se arranca uma lágrima ou o sorriso de um leitor? Com poucas, muito poucas. É o que demonstra o escritor Luís Pimentel em seus contos curtos, enxutos e certeiros como uma flecha apontada para o coração.

Nem uma palavra a mais ou a menos.

Experimente acrescentar algum ingrediente a essa mistura perfeita e verá que a coisa desanda, transborda, passa do ponto. Como as boas receitas, para ser bom tem que ser simples, rápido, sem excesso de gordura.

Mas também precisa ter sabor. Um gosto agridoce, que fica entre o amargo e o levemente açucarado. Estas histórias que você vai ler têm um jeito assim. São como provar um doce que lembra a infância. Ou aquele bolinho de chuva, salpicado de canela, que recorda uma tarde muito especial. Ou ainda aquele doce de abóbora, tão gostoso, que só era feito na casa de um parente, na cidade onde nasceu, e para a qual

não se volta há muito tempo, a não ser em pensamento.

De onde vêm as histórias que este escritor inventa? Será que ele viveu tudo isso? Não sei dizer. Assim como também não sei explicar por que elas mexem comigo como se fizessem parte da minha vida. Provavelmente você, leitor, terá a mesma sensação.

Há histórias tristes, como a narrada no conto *A viagem*, no qual um pai se despede do filho, que vai tentar a sorte em outro lugar, e 24 horas depois recebe notícias suas. Engraçadas, como *Conversa de homem para homem*, discussão absurda em torno do boletim com péssimas notas de um filho preguiçoso, mas esperto. E intrigantes, como a que dá nome ao livro, em que só no final se sabe quem é vítima e quem é bandido.

O bom é que, com estes contos curtinhos, você vai beliscando e, quando viu, já provou tudo. Fica saciado de boas histórias. Mas ainda com gostinho de quero mais.

Cristiane Costa

Comissão de pré-seleção

I Concurso Literatura para Todos

CARLOS

Cabelos molhados

Ananias deu banho nos meninos, ajudou a vestirem a roupa, penteou seus cabelos e colocou um ao lado do outro na mesa, diante do feijão, arroz, carne e abóbora que ele mesmo preparou. Depois de andar um quilômetro com os filhos e colocá-los na condução que iria levá-los até a escola, no vilarejo, se preparava para pegar o caminho da roça, onde ajeitaria uma cerca caída. A freada do jipe com placa do município mudou os seus planos.

Polícia, Corpo de Bombeiros, Defesa Civil, o padre, a responsável pela Delegacia da Mulher e até um repórter do jornal da capital chegaram em caravana. Falavam em nome da ordem, da justiça, do povo e até de Deus, atendendo a denúncias anônimas dando conta de que Almerinda estava morta, vítima de maus tratos. Foram logo informando que não traziam manda-

do de busca nem era preciso. Ananias não exigiu nada nem parecia saber do que se tratava.

"Gente de Cristo, onde já se viu?!", perguntava o suspeito, olhos em brasa e pânico, tremendo diante dos homens e da delegada, chorando no ombro do padre.

Era um homem temente, sempre fora. Tinha um São Jorge Guerreiro na sala e o Sagrado Coração na parede do quarto, na cabeceira da cama.

As lágrimas e o desespero de Ananias não impediram os invasores de continuar a investigação. "É melhor o senhor confessar de uma vez por todas", dizia o policial. "Vamos derrubar paredes até encontrar o corpo", confabulavam bombeiros e agentes da Defesa. A delegada chamou o acusado num canto:

"Onde foi parar a coitada, Seu Ananias? Sabemos que você batia nela."

"Almerinda desapareceu, doutora."

"Ninguém desaparece, homem. E está desaparecida desde quando?"

"Desde a semana passada. Sumiu numa noite de lua cheia. Almerinda andava muito esquisita, Deus me livre."

“Deixe de crendice à toa e mostre onde enterrou a infeliz. É melhor para você, criatura.”

O tal do repórter parecia um carro-de-boi no atoleiro:

“O senhor matou? Matou ou não matou? O senhor matou?”

Nenhuma panela mais nos armários. Roupas arrancadas do baú. Móveis e a cama de pernas para o ar. Os homens quebravam tudo, em algum lugar o corpo estaria. Viram o poço no fundo do quintal, correram até lá. “Vai ver está ali, afogada”. Ananias enxugava as lágrimas nos pêlos da mão e futucava os dentes com um palito de fósforos.

“Na água que bebo? Que uso para dar de beber às crianças?”

O padre tentou negociar:

“Confesse, filho, depois se apegue com o Salvador. Ele dará o perdão e mostrará o bom caminho.”

Ananias gemeu. Mais ainda quando os homens arrebentaram o depósito de mantimentos, caroço de milho correndo por toda a despensa. “Em algum lugar ele escondeu o corpo”, dizia o bombeirinho, o mais franzino de todos.

O padre se roía em remorsos:

“E se o pobre não tiver culpa de nada?”, perguntou à delegada.

“Como? Judiava dela. Arrastava a mulher pelos cabelos, ela tinha cabelos lindos e longos, submetia a instintos animais, dizem até que um dia marcou a bunda da infeliz com o instrumento de ferrar o gado.”

O pároco pigarreou, envergonhado. Bombeiro e policial voltaram do tanque, trazendo uma cabaça em forma de cuia.

“Só achamos isto.”

“Pois é com isto que encho a lata d´água, o cocho dos porcos, o vasilhame das galinhas. Antes quem fazia tudo era ela”, e caiu mais uma vez em pranto.

As ordens se atropelavam, quase sempre aos gritos:

“Verifiquem o chiqueiro! Cavem a terra no curral! Sacudam os galhos das árvores!”

Gente da lei sabe que não existe limite para as astúcias assassinas. Ananias apenas repetia não saber de nada, enquanto implorava baixinho: “volta, Almerinda, me tira desse pesadelo”.

Já estava ficando noitinha quando as visitas indesejáveis ligaram o jipe, prometendo voltar no dia seguinte bem cedo, para retomar as buscas e as investigações. Ananias ficou sentado no banquinho ao lado da porta, coçando os olhos ardidos de tanto choro, criando coragem para por ordem na mente e começar a trabalheira de botar no lugar tudo o que aquela gente sem modos esparramou.

Mas antes iria até o quintal, levantar a pedra do fundo do poço e fazer submergir mais uma vez o corpo de Almerinda, o vestido de chita se desfazendo de tanto limo grudado. Oferecer a sopa que a morta recusaria, pentear seus lindos e longos cabelos molhados e desta vez pedir, por tudo o que é mais sagrado, que ela não conte o que sabe para aquele povo do município.

Antes disso não ia conseguir dormir.

O prejuízo

Meu pai perguntou: “por que você fez isto?” E não disse mais nada. Não respondi coisa alguma nem sabia o que responder. Fiquei olhando ora para a parede, ora para o telhado, morrendo de vergonha.

Meu pai entrou no banheiro, sem me olhar, urinou, fez a barba, depois saiu de lá novamente sem olhar para mim. Sentou para tomar café da manhã sem me chamar, como sempre fazia. Eu não agüentava mais o peso do seu silêncio quando ele resolveu abrir a boca ainda cheia de café com leite e cuscuz para desabafar, entre enraivecido e queixoso:

“Vou ter que trabalhar o final de semana inteiro, fazer hora extra para poder pagar a vidraça do seu Nestor que você destruiu, moleque.”

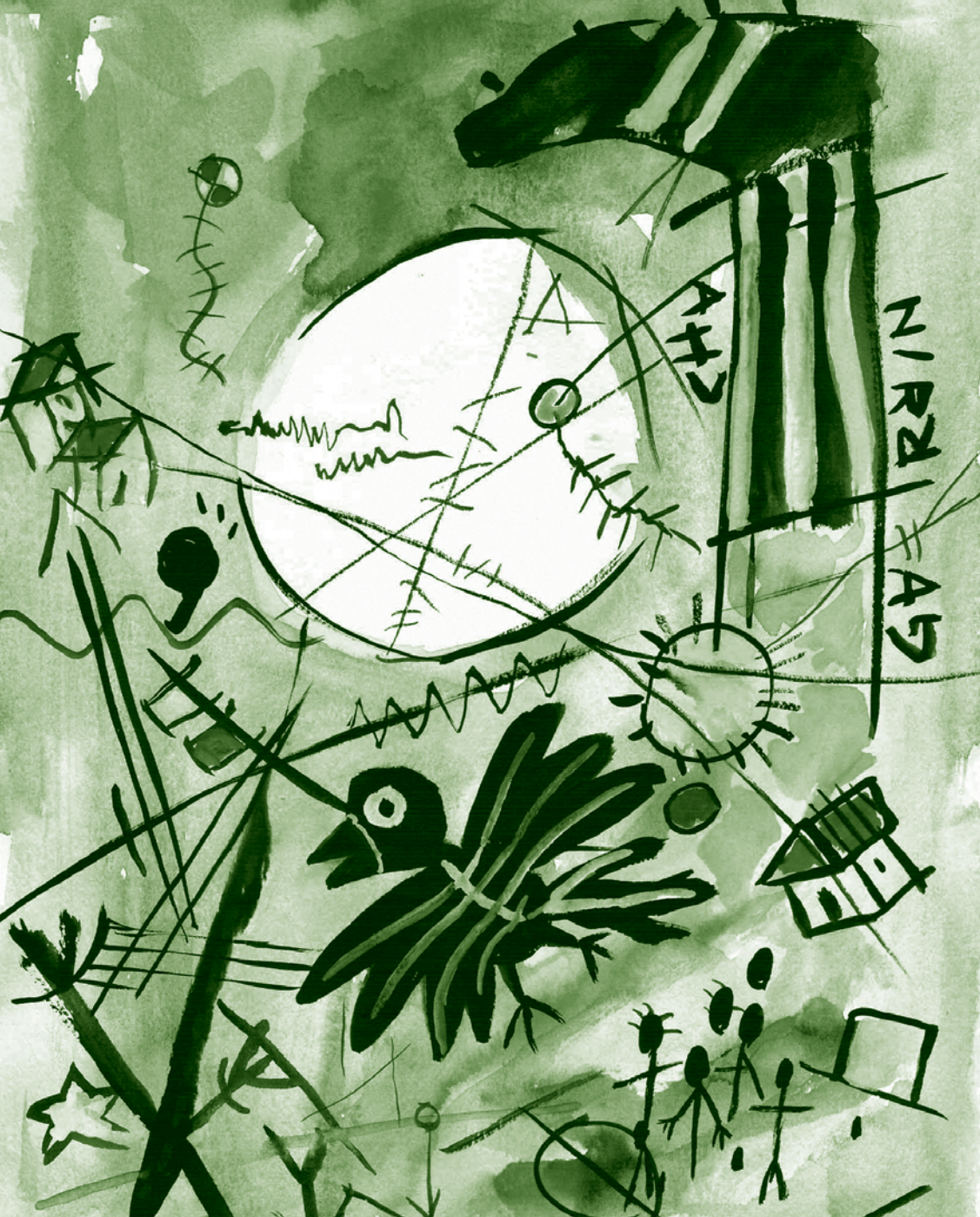
Aí criei coragem e disse: “não precisa, quem vai pagar a vidraça sou eu.”

Meu pai me olhou indiferente e incrédulo, como se olhasse para uma parede que

fala, e tomei a dianteira antes que ele dissesse qualquer coisa:

“Deixe, pai. Vendo meu time de botão, vendo laranja descascada na porta de casa e pago essa droga.”

Meu pai arregalou os olhos e depois desamarrou a cara. Abriu um sorriso que até hoje lembro como o mais bonito que já vi no rosto dele. Só não sei se foi porque eu disse que pagava o prejuízo ou se foi por causa do “essa droga”.



Garrincha

Quando o juiz apitou, encerrando a partida no campinho de subúrbio, aconteceu o grande espetáculo.

Um pequeno passarinho muito conhecido naquele lugar, chamado garrincha, pousou sobre a bola de couro esquecida no campo de batalha. Meio pardo e de asas e cauda listradas de preto, também conhecido como garriça ou cambaxirra, o pássaro, que tem nome de craque, deu alguns pulinhos desajeitados sobre a pelota e bateu asas.

Nesse instante, como se tivesse sido chutada violentamente por um jogador invisível, a bola também bateu asas e subiu. Um lançamento perfeito na direção do céu. Os vinte e dois jogadores titulares, mais os reservas, técnicos, dirigentes e todos os torcedores ficaram parados no estádio. Os olhos voltados para o vôo maluco da bola, que voou até sumir.

E como o dia já estava mesmo começando a virar noitinha, a lua apareceu de repente e engoliu a redonda – como a chamam os locutores esportivos. A bola virou lua, lua cheia, bem cheia e muito brilhante. O campo ficou tão iluminado que os atletas sentiram vontade de começar outro jogo, e só não o fizeram porque o cansaço da peleja disputadíssima não permitiu.

O menino quis saber se a bola seria recuperada e o pai disse que não.

“Está bem lá em cima, limpa, linda e cheia. Iluminando os grandes estádios, nas grandes cidades, ou os campinhos mais escondidos nos fins de mundo.”

A viagem

O rapaz entrou em casa como quem entra no bar. Sentou em uma cadeira e estirou as pernas sobre o tamborete. Pegou a garrafa de cachaça no móvel ao lado da mesa e um copo na bandeja cheia de copos que ficava ao lado da garrafa. Serviu-se e tomou duas doses, uma seguida da outra, depois acendeu um cigarro. A sala estava na penumbra, iluminada apenas pela luz azulada da televisão que o pai assistia. O clarão do palito de fósforo iluminou o rosto do rapaz e o pai observou que ele tinha a barba por fazer.

O pai viu que os sapatos do rapaz estavam sujos, largando tufos de terra sobre o tamborete, mas não reclamou. Apenas perguntou: "você vai mesmo?" E ele disse: "vou".

O pai quis saber se ele estava aborrecido com alguma coisa e ele disse que não. O pai então perguntou por que resolvera partir assim, tão de repente, e ele respondeu que era para não perder a oportunidade, o caminhão alugado pela empresa sairia de manhã bem cedo, levando todos os candidatos

ao emprego. Queria aproveitar para não ser obrigado a ir depois, sozinho, ainda tendo que pagar a passagem.

"Que tipo de trabalho é esse, meu filho?", quis saber o pai.

O rapaz não respondeu e amarrou a cara. E se serviu de mais uma dose.

O pai insistiu: "me diga ao menos onde é". Respondeu, a contragosto, que era na capital. O pai perguntou ao filho se já tinha separado todos os documentos, sem esquecer identidade e carteira profissional, e ouviu um muxoxo como resposta: "não sou abestalhado, meu pai". O pai disse: "eu sei, filho, é só uma preocupação".

Estalo que se dá com a língua e os lábios, à semelhança de um beijo, para mostrar pouco caso em relação a pessoa ou coisa.

"Está levando algum dinheiro?"

"Estou. O pouco que tenho."

"Precisa de uma ajuda?"

"De jeito nenhum. Guarde suas economias para as necessidades."

O pai perguntou se o filho sabia quanto ia ganhar e ele respondeu que não. Sabia ao menos se o ganho seria suficiente para as despesas? Ele respondeu que sim. Derramou mais uma dose de cachaça no copo e o pai disse: "pare de beber, vá se alimentar. Vá fazer essa barba e tomar um banho.

Depois descansar, de manhã cedo precisa estar preparado para encarar a estrada".

"Não sou eu quem vai dirigindo", reagiu o rapaz.

"Mesmo assim", disse o pai.

O rapaz perguntou pela mãe e o pai respondeu que estava no quarto, onde mais estaria? "Melhora nenhuma?", perguntou. "Melhora nenhuma", foi a resposta. O pai disse: "vá se despedir dela, já que você vai sair bem cedo", e o rapaz disse que preferia não se despedir. Disse: "não quero olhar para a mãe daquele jeito que ela está". O pai disse: "você é quem sabe" e reparou que o filho tinha os olhos molhados. O pai se levantou para desligar a televisão e o filho observou que ele também tinha os olhos molhados.

O pai disse: "vou dormir" e já estava até mesmo de pijama. O rapaz desejou um bom sono. "Pode aguardar que mandarei notícias. E não se preocupe com nada". O pai disse: "me despeço de você amanhã". O rapaz respondeu que ia madrugar.

Não tinha importância. O pai estaria acordado.

Bem cedo estava em pé diante do fogão, preparando café e esquentando na chapa

umas bolachas que tirava do saco de papel. O rapaz acabava de colocar as roupas na sacola e penteava o cabelo diante do espelho do banheiro. O pai apontou o corte abaixo do queixo e o filho disse que fora gilete cega. O pai ofereceu uma loção pós-barba. “Gosto mais de passar álcool mesmo”, disse o rapaz, mas dessa vez sem qualquer impaciência.

“Quer ovos quentes, para forrar bem o estômago?”, o pai quis saber. O rapaz disse que não era preciso. Aí o pai lembrou que talvez ele não conseguisse comer nada tão cedo e o rapaz disse: “deixe, pai, que eu me ajeito”. O “deixe, pai” soou de maneira carinhosa. E foi com mais carinho ainda que o pai acabou de esquentar as bolachas.

O pai ficou olhando para o filho, enquanto ele tomava café, acendia o cigarro, entrava e saía do banheiro, conferia as peças de roupas na sacola, olhava para o quarto da mãe, parecia entrar no quarto, se afastava, bebia água do filtro que estava no canto, ao lado do fogão, olhava para o quintal e depois para as paredes, assoviava para o passarinho, coçava a cabeça do cachorro.

O pai ficou olhando para o filho enquanto ele fechava o zíper da sacola, dizia: “até breve, pai, fique com Deus” e se afastava.

E assim o homem desconhecido que bateu na porta dois dias depois encontrou o pai. Era um fim de tarde e ele tomava uma cachaça no copo que o filho gostava de usar, olhando ora para a porta por onde o filho saiu e ora para o quarto onde o filho não entrou para se despedir da mãe.

O moço perguntou: “o senhor é o pai dele?” Falou calmamente do acidente com o caminhão, como foi e como não foi, quem teve culpa e quem não teve, que o motorista da carreta é que descia a ladeira dirigindo desembestado, e foi falando tanta coisa que o pai não conseguia mais ouvir nem entender.

Por fim o moço disse como o pai deveria proceder para retirar o corpo, as roupas e os documentos do filho do instituto médico legal de não sei onde. Que outro caminhão da empresa estava à disposição para trazer todos os corpos de volta, mas que o pai tinha que ir até lá tal dia e tal hora, para aproveitar o carreto.

E do jeito que entrou, o moço saiu. Falando sem parar, agora já dizendo coisas como meus sentimentos, isso acontece, é da vida, descansou, Deus chamou, era um rapaz tão jovem, tão forte, tão bom e outras falas que o pai já não conseguia ouvir, pois só queria que ele fosse logo embora, para entrar no quarto escuro e abafado da doente e dar de uma vez por todas a notícia que estava para dar há quarenta e oito horas: “o nosso filho viajou”.

Conversa de homem para homem

O pai chegou em casa com ar sisudo e começou aquele papo manjado:

"Filho, precisamos ter uma conversa de homem para homem."

"Neste caso, pai", disse o menino, "não acha melhor esperar eu crescer um pouquinho?"

"Não. Tem que ser hoje, agora, já."

Tá bem. Mas posso saber o que é que está pegando?"

"Como assim, pegando?"

"Onde foi que deu zebra?"

"No seu boletim."

"Demorou."

"Como?"

"Algo errado com o boletim?"

"Tudo. Não viu as notas?"

"O boletim veio endereçado a você, pai. É feio violar correspondência alheia."

"Mas as notas são suas. Baixíssimas!"

"Olhando por que critérios?"

“Do razoável, meu filho. Do bom senso, da coerência acadêmica, das exigências mercadológicas.”

“Não tem nenhuma dessas cadeiras lá no meu colégio.”

“Não seja debochado.”

“Não esquenta, pai.”

“Não esquenta, o quê?”

“A cuca, a mufa, os neurônios.”

“Vou tirar você do colégio.”

“Sábias palavras.”

“Vou arrumar um emprego para você. Oito horas por dia, de segunda a sábado.”

“Sujou.”

“Onde você quer trabalhar?”

“Câmara dos Deputados, Senado Federal, um ministério qualquer. Um lugar onde eu possa estar sempre metido em falcatruas.”

“Nem pense nisto, pelo menos enquanto eu for vivo!”

“Tá vendo que existem coisas piores? Relaxa, velho. Assina o boletim.”

O desejo

Algumas coisas deveriam ficar, para o resto da vida, do jeito que um dia foram, do melhor jeito que um dia as vimos.

A minha mãe deveria ter hoje e sempre aqueles cabelos castanhos e lisos, brilhantes como seus olhos, como no melhor momento em que a vi.

Aí minha irmã teria sempre dezesseis anos, usando anáguas brancas e saias plissadas. E eu estaria ainda voltando para casa, depois da aula que deveria ser eterna com a professora Alba Valéria, e limpando o pé no batente da porta, o olho comprido no corredor que corria até a cozinha.

E não agora, como estou agora, parado diante do local onde havia um batente e uma porta que dava para um corredor. Ao invés de levar até a cozinha, o corredor leva os meus olhos até os olhos do homem que, atrás do balcão da venda instalada onde era a sala de visitas de minha casa, com os pés no piso de cimento onde esparramei meus times de botão, pergunta se desejo alguma coisa.

Respondo apenas que desejo minha vida por inteiro, com meu pai e minha mãe dentro dela. Esse é o meu desejo, se não for pedir demais.

Quem matou o cachorrinho?

Eu não matei o cachorro do meu irmão. Foi apenas um acidente. Era um cãozinho, do tamanho de um gato pequeno, e tinha mania de se enfiar debaixo dos travesseiros. Deitei sobre o travesseiro e esmaguei o pobre coitado, que não teve tempo de esboçar um grunhido sequer. Acontece que pouco antes eu tinha brigado com o meu irmão, ele me enfiara a mão na cara, fui correndo para a barra da saia da minha mãe, que meteu a mão na cara dele. Só isso. Aí o filho da puta começou a dizer que por vingança eu matara o cachorrinho, que era muito bonitinho e tinha o nome de Tupi. Eu até gostava dele.

Quando eu estava na escola, a professora tinha mania de implicar comigo. Ela me castigava por qualquer bobagem, dava tarefas mais difíceis e era mais rigorosa do que com os outros na hora de corrigir o dever de casa. Acho que ela também pensava que eu fosse matador de cachorrinho, pela maneira rude com que me tratava. Era sempre

“anota aí”, “copia direito”, “presta atenção no ditado”, “fica atento à resposta correta”, de um jeito superior e debochado, como se estivesse mesmo lidando com um assassino. Eu via nos olhos dela que me olhava como a um assassino de cão indefeso.

Um dia a professora pediu um exercício muito complicado, que para dar conta eu tinha que fazer pesquisas em um livro muito complicado, e para complicar mais ainda eu não tinha o livro. Ela disse: “é só ir até a biblioteca pública e procurar, como faz todo mundo que quer estudar e não tem livro”. Eu fui, juro que fui, revirei várias estantes empoeiradas e não achei o diabo do livro. A funcionária da biblioteca, que ao invés de me ajudar ficava lixando a unha, esparramada numa cadeira, olhou para a anotação no meu caderno e disse: “não existe este livro aqui não, menino. Não existe este livro em lugar nenhum, você deve ter anotado errado”.

Eu disse: “errada deve estar a sua mãe”, porque percebi logo que ela estava me tratando como se trata um desmiolado qualquer, devia achar também que eu fiz a merda que todo mundo pensa que fiz em minha

casa, mas que não fiz nem agüentava mais dizer que não fiz. Aprontei uma zona federal lá, chutei mesas e derrubei cadeiras, cuspi no bebedouro, quebrei xícaras de café, eles viram com quem estavam lidando.

Fui posto para fora do cemitério de papel escrito a pontapés e no dia seguinte estava de volta à escola, sem trabalho nenhum realizado. Eu olhava para a cara da professora com vergonha, ela me olhava com cara de quem olha para um canalha que mata o cachorro de estimação do irmão mais velho. Disse à professora, de quem eu até gostava, umas coisas de que até hoje me arrependo, coisas que não se deve dizer nem aos maiores inimigos, e nunca mais voltei à escola. Eu me arrependo disso também. Afinal, eu que fiquei sem escola, sem estudo, sem saber coisa nenhuma. Aprendi apenas a escrever o próprio nome, com uma letra que mais parece um amontoado de garranchos que só eu mesmo consigo decifrar.

Esse crime não cometido me perseguiu a vida inteira, como um castigo, onde quer que eu colocasse os pés. Meus amigos de infância ficaram sabendo da história, da dolorosa calúnia, volta e meia tinha um

que me jogava o cachorro morto na cara por qualquer bola de gude perdida, time de botão quebrado ou arranca-rabo de menino. Daí que volta e meia eu também tinha que quebrar a cara de um. Acabei ficando com fama de maluco violento, o que só serviu para justificar mais ainda a idéia fixa do meu irmão, de que matei porque matei o Tupi, por maldade e vingança, só porque no dia o covarde que espancava irmão menor me enchera de tabefes.

O remorso que não senti pela morte do cachorro que não matei, o crime que não cometi, senti mais tarde por ter arrebentado com uma pedra a cabeça do Boroga, um dos meus melhores amigos. Quase matei o Boroga. O Boroga, sim, esse eu quase matei. Tudo porque numa disputa de bola, em que achou que eu tinha entrado com maldade, ele caiu na besteira de dizer que eu era cangaceiro ou carniceiro, que ninguém queria mais saber de brincar comigo, pois estava todo mundo achando que a qualquer momento eu poderia cometer com um amigo a traição que cometi com o cachorro inocente. Que porcaria, o Boroga era tão meu amigo, para que foi se meter nessa história?

Depois desse acidente, do qual também me arrependo muito, eu fiquei cabreiro, envergonhado, triste e sem amigos. Todos se afastaram, eu não tinha mais com quem brincar, nem mesmo com quem conversar. A pedrada na cabeça do Boroga afastou de vez a dúvida, para quem ainda tinha dúvida, sobre a morte do pobre Tupi, o cachorrinho idiota que não sabia escolher esconderijo e fugia das pulgas ficando embaixo do travesseiro. Passou a ser voz corrente e fé pública, a mentira virou verdade, para todos na rua e no bairro eu matara mesmo o bicho de estimação do meu irmão.

Não agüentei mais aquilo e um dia fui embora. E o que me dói mais até hoje é lembrar dos olhos da minha mãe na despedida, sem uma lágrima, sem pedir para que eu ficasse, parecendo que até ela me considerava um monstro sanguinário.

Fui crescendo com essa fama de sujeito desumano. Vendo isso nos olhos de uns e de outros. Os que sabiam do falso acontecido vez em quando me atiravam a notícia falsa na cara. Os que não sabiam ou fingiam não saber abaixavam o rosto quando cruzavam comigo. Ninguém me olhava

nos olhos. E quando olhava era com flechas certeiras que traziam, na ponta, a inscrição inconfundível: assassino de bicho que não pode se defender.

Eu tinha uma tremenda dificuldade de arrumar namorada, as moças fugiam de mim ou pareciam fugir, mas já rapazinho conheci uma princesa que mexeu com a minha cabeça. Foi numa festa, dessas que somos levados por um colega qualquer de um trabalho qualquer. A princesa me ofereceu guaraná com cachaça e fumava jogando fumaça na minha cara. Se era provocação, era provocação das boas, pois a moça não me conhecia, ninguém naquela festa me conhecia, não havia a menor chance de estar querendo me ofender por conta do não acontecido.

Fui arrastado para detrás de uns caixotes que tinha no fundo do local da festa. A princesa que eu pensava que era pura veio cheia de intimidades, me beijando todo, se esfregando em mim. Fiquei nervoso com aquela situação e fui arrancando a saia e a calcinha dela, mas acho que não deveria ter agido assim. A princesa virou uma fera, cuspiu em minha cara, empurrou minha

cabeça, parecia uma maluca perguntando "está pensando o que? Que eu sou alguma cachorra?"

Fiquei maluco nessa hora e falei: "como assim, cachorra? Que história de cachorra é essa? O que você sabe sobre o cachorro? Quem te contou? Como foi que te contaram?" Ela só sabia repetir que eu era maluco mesmo, que devia ser internado e preso, sei lá o que, porque não tinha a menor idéia da força do meu braço, do impacto do meu soco, e deve estar até hoje procurando os dentes que dançaram na festa.

Aí fiquei com raiva de mulher de carne e osso, bicho muito complicado, e comecei a colecionar mulher de revista. Forrava as paredes do quartinho que aluguei no subúrbio com retrato de mulher pelada. Mulher de todo jeito. Preta, branca, gorda, magra, deitada, em pé, de bunda pra cima, de pernas arreganhadas. Mas mulher de papel também não presta, sempre leva o homem à ruína, elas que atraíram o Tarugo para o meu quarto.

Conheci o Tarugo, que na verdade se chamava Jorge não sei de que, no supermercado onde eu trabalhava como empacotador.

Tarugo-Jorge era da faxina, serviços gerais, sempre carregando rodo, vassouras e baldes de água e produtos de limpeza. Serviço pesado, mas o bicho era forte feito um jegue. Freqüentávamos o botequim que tinha ao lado do supermercado, após a jornada de trabalho, e viramos parceiros de cachaça e partidas de dominó.

Eu deixava o Tarugo freqüentar o meu harém, deixava até o canalha se divertir com as minhas mulheres de papel, até o dia em que ele chegou lá dizendo que conhecera não sei quem que me conhecia desde pequeno, e que sabia uma história bem cabeluda a meu respeito. E antes mesmo que terminasse a frase "seu irmão tinha um cachorro que chamava Tupi" eu peguei a chave de fenda, que usava para apertar os parafusos da cama. Tarugo podia até ter sido um bom amigo, mas deu o azar de tomar conhecimento dessa história e de não saber com quem estava lidando.

Também dei azar porque o Tarugo urrava feito porco ensangüentado, tentando arrancar a chave de fenda cravada no peito. Logo chegaram vizinhos, que chamaram outras pessoas da rua, aí veio polícia e

o diabo a quatro. Não deu tempo de fugir e ainda tentei me esconder atrás do armário ou debaixo da cama, mas... Se eu fosse pequenininho, que nem o cachorro do meu irmão, teria me escondido debaixo do travesseiro.

Daqui a pouco eles voltam, os covardes, com porretes e cassetetes, para me cobrir de pancada porque acham divertido bater no maluco, que eles pensam que é maluco, enquanto perguntam: “quem matou o cachorrinho, quem matou o cachorrinho, quem matou o cachorrinho?” Eu só consigo responder: “foi um acidente, seus filhos de uma égua”, mas ninguém me escuta.

O homão e o menininho (uma fábula)

Era uma vez um menininho muito magrinho e pequenino. Desses que não engordaram porque comeram pouco quando eram menores ainda. Desses que têm menos idade do que aparentam e são bem menores do que poderiam ser, considerando a idade que têm.

O menininho saía de casa bem cedo, carregando uma mochila cheia de livros, cadernos e umas bolas de tênis bem velhas, encontradas num lixo qualquer. Os livros e cadernos eram para uso na escola, mas antes da aula ele parava no sinal de trânsito e sacava os instrumentos de trabalho. Toda vez que o sinal ficava vermelho, o menino pulava na frente dos carros, jogando as bolas para cima e para baixo, de um lado para outro, levantando com uma mão e aparando com a outra. O menino pensava que estava oferecendo um espetáculo circense e que por isto merecia uns trocados. Alguns motoristas achavam bonitinho e engraçado, e davam umas moedas para ele. Outros

não davam a menor atenção, nem mesmo um sorriso.

O menininho fazia isso porque era muito pobrezinho. Pobrezinho mesmo, que nem esse monte de menininhos que anda bestando aí pelas ruas nas grandes cidades. E era muito feinho. Magrinho, pobrezinho, feinho e desdentadinho. Tinha apenas uns dois ou três dentinhos, todos bastantes esburacados e em péssimo estado de conservação. Andava esculhambadinho que só vendo. Aquelas roupinhas esfarrapadas, com uns remendos na bundinha e nas costas, uma lástima.

Um dia, o menininho vinha distraído por uma calçada, contando as moedas e planejando as futuras investidas no sinal, quando deu de cara com um homão grandalhão. Um homão grandalhão e gordão, bem barrigudão, com os dentões todos na boca. Passou a mão enorme na cabeça sujinha do menininho e perguntou:

"Garoto, quem é teu pai?"

O moleque abriu um sorrisinho bem safado e respondeu:

"O senhor!"

Nem minha mãe

Heleninha disse: “nunca mais me ache, nunca mais me olhe, nunca mais me siga, nunca mais peça qualquer notícia minha”. Tudo isso com uma raiva indescritível, saindo fumaça dos olhos e perdigotos pela boca.

Salpicos de saliva lançados da boca durante a fala.

“E também nunca mais apareça em minha frente, Serginho, nunca mais me escreva, nunca mais dê qualquer informação de sua existência imunda, pois dela eu quero é distância.”

Disse também: “nunca mais cruze o meu caminho, Serginho, nunca mais deixe de atravessar a rua quando me vir passar”. E disse até: “nunca mais pronuncie o meu nome com sua boca suja e depravada”.

Disse mais: “nunca mais lembre que existo, risque meu nome do seu caderno, nunca mais apareça, me esqueça, me esqueça, me esqueça”.

Triste; em silêncio.

Cheguei em casa triste, arrasado, macambúzio e esquisitão. Fiquei quieto no meu canto, não disse nada, não pedi nada, nem falei com ninguém. Mas minha mãe,

que sempre percebe tudo, percebeu o meu estado de choque, de tristeza e de pânico e quis saber o que houve. Contei tudo, repeti tudo o que a Heleninha me disse.

Inclusive com as ênfases, as repetições, a fumaça e os perdigotos.

Vocês não vão acreditar, mas minha mãe, minha santa mãezinha, olhou para mim com o olhar mais cheio de piedade do mundo, passou a mão em minha cabeça e disse: “é assim mesmo, Serginho. As mulheres são assim, meu filho”.

Quer dizer que nem minha mãe escapa?

IMAGINE
PEACE

Para Lennon e McCartney

"A maneira de escrever não era assim que nem a do meu nome, não. Está aportuguesado, escrito conforme o nosso linguajar. O João, por exemplo, é John. O Leno se escreve, na verdade, de outro jeito. Dois enes, um agá e coisa e tal. Macarte quer dizer McCartney, de Paul McCartney."

"Sei."

"Sabe coisa nenhuma. Estou perdendo o meu tempo te explicando essas coisas. Tu não tem a menor idéia sobre os caras de que estou falando."

"E preciso ter? Nem sei para que tanta informação. Eu só perguntei como era o teu nome completo."

"É João Leno Macarte da Silva."

"É muito esquisito."

"É uma homenagem, mané. A dois caras muito importantes. Lennon e McCartney, astros principais dos Beatles. Os músicos mais badalados, os melhores cantores e compositores. Sacou? Saca os Beatles?"

“Não é do meu tempo. Mas já ouvi falar.”

“Jesus Cristo também não é do teu tempo. Já ouviu falar, não é? Tem essa não, cara. Os Beatles. O conjunto de rock mais importante da história do universo.”

“Mais que os rolinstones?”

“Pô! Deixa no chinelo.”

“Só lembro da música. Era um garoto, que como eu, amava os bitos e rolinstones.”

“Isso aí. Meu nome vem daí. Meu pai juntou os nomes dos dois caras.”

“E o da Silva?”

“Da Silva é do meu pai mesmo.”

“E por que os teus pais fizeram essa sacanagem contigo? Leva a mal não, mas o teu nome ficou muito esquisito.”

“Eles eram loucos pelos Beatles, além de loucos mesmo, no geral. Meu pai tomava porre, botava o disco dos caras na vitrola e se deitava no chão, abraçado com a caixa de som, babando na barba e acompanhando o som dos caras. Sabia todas as letras, principalmente as do John Lennon.”

“E a tua mãe?”

“Minha mãe curtia o Paul.”

“Quem?”

“Paul McCartney, o outro. Ela achava o cara lindão. E era mesmo. Outro dia vi o malandro na televisão. Tá velhaço, mas um velho bem apanhado. Minha mãe até fugiu com um sujeito que trabalhava no restaurante da esquina, só porque ele se parecia com o Paul.”

“E o teu pai?”

“Ficou com o John. Deitado no chão, abraçado à caixa de som, babando na barba.”

“E ele?”

“Ele quem?”

“O John. Tá velhaço também?”

“Morreu.”

“De que?”

“Meteram umas balas nos cornos dele.”

“No morro? Era envolvido com tóxico?”

“Claro que não, meu irmão. Foi um maluco que apagou ele. Um fã. O cara tá preso.”

“E tu?”

“Que tem eu?”

“Tu tá preso aqui por quê?”

“Me pegaram com uma arma e não tenho porte. Tomaram a arma e ainda me enfiaram aqui.”

“E pra que tu queria a arma? Ia assaltar?”

“Deus me livre. Sou do bem. Eu ia matar um cara.”

“Aqui mesmo?”

“Não. Nos Estados Unidos.”

“Quem?”

“O outro. O que sobrou. O tal do Paul.”

O ídolo

O menino queria saber como era o seu ídolo antes de se conhecerem. O que fizera da vida nos dias em que ainda não tinha aquela barba, aquele cheiro, a voz de mando e comando, nem era apenas o papai que sai cedinho e volta para casa no fim de noite.

O pai achou que era uma boa oportunidade para uma conversa daquelas que todo filho adora, recheada de histórias que mexem com a curiosidade e excitam a imaginação. Então disse que antes de conhecer a mãe do menino, antes, portanto, de encomendar e receber o menino, fizera coisas inacreditáveis. Mas o filho prometeu acreditar em tudo e ele foi em frente.

Contou que, por ter sido menino de roça, se acostumara, desde pequenino, a enfrentar onças gigantes, serpentes traiçoeiras, abutres de garras afiadas e punhais no bico, carnívoros e carniceiros de toda espécie. Ganhando sempre as lutas na briga pela vida. Que ainda jovenzinho foi parar na guerra, enfrentando e vencendo inimi-

gos de várias raças e nacionalidades, todos ferozes e malvados. Que fora obrigado – guerra é guerra – a mandar muitos desta para a melhor ou pior, mas sempre em legítima defesa.

O menino ouvia atentamente, balançando a cabeça sem se mexer na cadeira, olhos e ouvidos grudados nos relatos do pai. Que se empolgou mais ainda e disse que antes de ser o auxiliar de escritório que o filho conhecia foi também médico salvador de milhares de vidas, engenheiro construtor da ponte Rio - Niterói e do Corcovado, arquiteto da obra que levantou o Pão-de-açúcar e advogado com fama internacional. Para concluir, com a pergunta inocente:

"E você, filho, quer ser o que quando crescer?"

Não esperava por aquela resposta, mas nem sempre pai recebe o que espera:

"Quero ser mentiroso, que nem o papai."

Um dia difícil

A menina estendeu a mão para o ônibus em Brás de Pina e entrou pela porta traseira. Gratificou a cobradora e o motorista com uma mariola para cada um, desfalcando o estoque. Saltou na Central do Brasil e embarcou no metrô, direção Botafogo, mergulhando por baixo da roleta e fazendo um agrado para o moço da segurança.

Doce de goiaba ou banana, em forma de tablete, envolvido em papel celofane ou folha de bananeira seca.

Desceu na estação que fica ao lado do cinema e reabriu a caixa de mariola no sinal. Vendia a vinte centavos cada; três por cinqüenta, sete por um real. A primeira freguesa comprou três unidades, disse: "meus filhos adoram" e perguntou: "que idade você tem, menina bonita?". Ela respondeu: "tenho doze", mas a mulher nem ouviu porque já seguia em frente. Ainda bem, porque ela estava mentindo: tinha apenas dez. Logo depois, um homem comprou também o seu produto e repetiu a pergunta da mulher, "que idade você tem?", só que olhando fixamente para os pequeninos seios dela e comentando: "você é bem gostosinha, sabia?".

A menina colocou a caixa de mariolas embaixo do braço e se afastou. Aprendera que nessa hora é sempre melhor se afastar. A partir daí as coisas começaram a dar errado, porque o guarda que cuidava do ponto exigiu cinco mariolas para deixá-la vender no sinal, uma mulher mal encarada disse que o preço cobrado "era um roubo" e o moleque que vendia amendoim no mesmo ponto começou a implicar com ela, procurando intimidade e dando petelecos em sua cabeça.

Quando a tardinha começou a avermelhar a enseada de Botafogo, a menina entendeu que estava na hora de voltar para casa, pegando novamente o metrô e o ônibus na Central, tomando o devido cuidado de guardar um restinho de estoque para gratificar segurança, trocador e motorista. Chegou em casa antes do pai, que era biscateiro, e da mãe, empregada doméstica. Pegou no colo a boneca de pano, já um tanto esgarçada e encardida, deitou no colchonete com ela entre os braços e disse:

"Lilica, minha filhinha, hoje foi um dia difícil. Nem queira saber."

Dia das mães

No ano retrasado ele veio, ano passado não. Este ano, só Deus sabe se vem. Pensam que fico esperando? Espero que nem aquela porta espera, aquela mesa espera, aquela planta ali. Não faz nenhuma diferença ele vir ou não vir, com as tolas recomendações de sempre, as mesmas e falsas preocupações.

Teve um ano que trouxe o filho. E o filho veio com a namorada. Dois jovens abobalhados, olhando para as paredes descascadas com curiosidade mórbida, me encarando com nojo e repulsa. Não aceitaram a água nem o guaraná que ofereci, com certeza por acharem que os copos não são lavados. Meu filho ainda aceitou a cerveja, talvez por saber que o álcool desinfeta tudo.

Cumprimento exagerado; polidez afetada.

A mulher não vem nunca com ele. Nenhuma falta me faz. Fico dispensada dos salamaleques, de fingir naturalidade, falando de doenças ou de novelas. Tão bem criado, tão mal casado. A última vez que ela apareceu aqui, veio direto do salão de

beleza. Manteve os dedos esticados, durante os minutos que durou a visita de médico, para não encostar a unha em nada. Meu filho mostrou o quarto onde vivia quando rapaz solteiro. Ela riu, cínica e sonsa. “Como é que alguém pode viver num buraco desses?”, devia estar pensando.

Barulho no portão, só pode ser ele. Lá vêm flores murchas, presente ordinário, casaco de lã ou meias de nylon, garrafa de vinho de padaria, adocicado e enjoativo, pacotinho de torradas que eu não comia nem no tempo em que tinha dentes. Vai se sentar no sofá que está forrado desde cedo e estirar as pernas no banquinho que só sai do quarto quando ele vem aqui. Claro que não vai demorar, pois tem compromisso com o filho ou com a mulher. Pouco se me dá que venha ou não venha, fique ou não fique.

Não era ele no portão. Apenas um vendedor de frutas. Pela hora, duvido que ainda apareça aqui. Melhor dobrar e guardar o lençol novo que coloquei no sofá, não quero que pegue poeira. Melhor devolver para o quarto o banquinho de estirar as pernas. Ano que vem pode precisar.

NÃO

Não é uma questão pessoal

O menino olhava para o filhote de preá, maravilhado. O bicho olhava para o menino, com medo. Dois olhinhos pretos e miúdos, que nem duas jabuticabas. Pegava sol sobre a pedra e provavelmente montava guarda, protegendo pai e mãe que dormiam em algum toco de madeira próximo.

Talvez por estar muito preocupado com o menino, o preazinho não percebeu a aproximação da cascavel, não sentiu o cheiro nem ouviu o barulho da serpente arrastando a barriga no lajedo. De repente o bote, o susto, o animal atravessado na boca da cobra e as gotas de sangue do bichinho pintando a pedra.

"Não!", gritou o menino, mas era tarde.

A cascavel já ia longe com sua presa quando o menino abriu os olhos. A mãe enxugava gotas de suor em sua testa.

"Teve um pesadelo, meu filho?"

"Uma cobra enorme, mãe. Um preazinho bem pequeno."

A mãe sorriu, compreensiva:

“A febre. Provoca sonhos confusos, delírios.”

“Era um bicho pequenino. Tinha olhos bem pretos.”

“Cascavel não pensa nessas coisas, meu filho.”

“Por que foi pegar logo ele?”

A mãe passou novamente o lenço na testa do menino, suave e didática:

“Por causa da fome, meu filho. Nada pessoal.”

O faroleiro

Na noite mais negra de todas as noites, o menino acordou no meio da noite ouvindo barulhos. Gavetas reviradas, colchões rasgados, socos na mesa e livros atirados ao chão.

No meio da noite mais negra, entre o despertar e o pesadelo, o menino entendeu apenas, do pouco que pôde entender, que a casa fora invadida por homens desconhecidos que reviravam gavetas, rasgavam colchões, davam socos na mesa, atiravam livros no chão e tratavam aos gritos a todos os moradores.

E ainda era noite quando o menino viu que aqueles homens vieram buscar o seu pai. Saíram carregando seu pai pela sala em direção à porta, cruzando a porta em direção à escada, empurrando-o degrau por degrau até a porta da rua, onde o atiraram dentro de um carro negro mais negro que o negrume daquela noite.

E daí para frente foram noites e noites e dias escuros. O pai que saiu sem se despedir,

que cruzou a porta, desceu as escadas e embarcou no carro mais negro que a noite sem olhar para trás, nunca mais deu notícias. O menino sabe que a mãe, a tia e a avó procuraram por muitos dias, rezaram por muitas tardes, choraram por muitas noites. A mãe dizia: “ele volta”, a tia mais fria repetia “mataram ele”, a avó gemia e chorava num vale de lágrimas.

Tantas noites se passaram que foram até se tornando menos negras. O menino foi se acostumando com a saudade, que foi virando lembrança, se tornando desesperança, mas jamais esquecimento. O menino atravessou muitas noites, varou muitos rios, mergulhou em muitos livros. Aprendeu e cresceu, viveu e entendeu. Cavalgou o alazão da esperança e descobriu que sabia lutar com palavras.

Um dia despertou no seio da noite e resolveu por em prática o sonho que acabara de ter. Ajudaria, a partir da manhã seguinte, a construir um mundo em que ninguém jamais fosse levado para onde quer que fosse no meio da noite. Começou a construir faróis que foram colocados nos telhados das casas e nos postes das esquinas.

Já iluminou o seu bairro inteiro, caminha para iluminar a cidade, e já se apresenta orgulhosamente como o faroleiro.

Dia 1

Saí do hospício ainda há pouco. Quem me olhar vai reconhecer o brilho translúcido e confuso nos meus olhos. Quem me cheirar sentirá todos os cheiros azedos que trago lá de dentro. Entrei na primeira papelaria que encontrei no caminho, comprei este caderno e comecei imediatamente a escrever este diário.

Não saí fugido. Deram-me alta. Não me disseram o motivo repentino da alta, como também não me disseram, em momento algum, por que me internaram. Também não sei quanto tempo passei lá dentro, mas sei exatamente há quanto tempo estou aqui fora: o tempo exato de escrever estas linhas.

Minha casa está do mesmo jeito que deixei. Só um pouquinho mais empoeirada. Acho estranho encontrar esse prato sujo sobre a pia, mas não me incomodo. Talvez tenham me levado para o hospício no momento exato em que eu fazia uma refeição. Talvez eu tenha me apresentado esponta-

neamente. Por enquanto, não lembro de nada. Mas tenho certeza de que lembrarei enquanto estiver fazendo este diário. Palavra puxa palavra, que puxa lembrança, que pode ser boa ou ruim.

Querido diário. Seja minha luz. Ou meu calvário.

Dia 2

Começo por tirar a poeira dos móveis. Em seguida, dou uma geral em meus discos e livros. Concluo que está tudo no lugar. Um disco no aparelho de som, com a capa jogada em cima da mesa. Um livro com a página marcada sobre o sofá da sala. Talvez eu estivesse lendo ou ouvindo música ou as duas coisas quando me seqüestraram. Talvez eu tenha sido seqüestrado. Ou não.

Na caixa de correio há contas para pagar, folhetos de propaganda de lojas e restaurantes e uma carta de minha irmã. Não lerei já. Pretendo esperar melhor momento. Preciso ir até a mercearia, ou à padaria, ou ao supermercado. Mas não tenho forças. Prefiro me jogar na cama, assim mesmo, suado e de estômago vazio.

Amanhã acordarei cedo, tomarei café reforçado e banho morno, se o gás não tiver sido ainda cortado. Não sei quanto tempo eles demoram a interromper o fornecimento de gás. Também não sei quanto tempo fiquei ausente e deixei de pagar as contas. Depois do banho, ponho roupas limpas, devo ter ainda alguma, e vou procurar emprego. Mas antes faço a barba e esfrego na cara escanhoada a loção de alfazema, com cheio de infância, que eu gosto tanto.

Dia 3

Três horas na fila, com a documentação dentro do envelope pardo. Cópia em xérox da Identidade, CPF, Título de Eleitor, Carteira Profissional, Atestado de Residência, PIS, Pasep, o cu da mãe, tipo de sangue, suor e lágrimas. E só durante a entrevista fico sabendo que deverei ganhar, se conseguir passar a perna nos milhares de infelizes concorrentes, uma merreca que mal dará para o aluguel.

Respiro fundo e respondo a todas as perguntas que me são feitas, uma por uma, sem perder a paz nem a calma. Dou respostas elegantes e corretas até quando o filho

da mãe me pergunta se tenho Aids e se tenho parceiras e/ou parceiros regulares.

Sim, não, claro, é assim, é assado, e quarenta minutos depois tomo o ônibus de volta para casa. Atiro-me na cama, sem sequer afrouxar o cadarço do sapato, e ouço a voz de minha mãe dizendo: “Reza, meu filho, para Deus te ajudar. Reza mesmo deitado”.

Só Deus. Só mesmo Deus.

Dia 4

Tomo o café na padaria da esquina, folheando o jornal de crimes. É o mais barato que se encontra na banca de jornais e revistas. Marido traído enfiou duas balas nos cornos do Ricardão e enforcou a infiel. Pastor atacava meninas menores de idade e foi em cana acusado de pedofilia. Aposentado encontra bala perdida durante assalto a uma farmácia. Tiroteio entre polícia e bandido ou entre bandido e polícia pára o trânsito por algumas horas na principal avenida da cidade.

Ligo do orelhão da esquina e fico sabendo que fui aprovado no trabalho. Posso me apresentar amanhã, com todos os documentos, que a merreca mensal estará

garantida. Faço as contas: dá para o ônibus, o café, o cigarro e a compra de supermercado para encher a marmita. Só que terei que arrumar tempo para cozinhar o que botar na marmita.

Deus me perdoe, mas no hospício eu tinha menos trabalho.

Dia 5

"Aqui não tem mesa de canto", diz o chefete.

E todas as mesas ficam no centro da sala, todos de frente para ele e de lado para todo mundo. Recebo a primeira tarefa: revisar um texto escrito pelo chefete do chefete, que recebe ordens diretas do chefe e este do chefão. É um memorando que informa a não sei quais prezados senhores que não sei que comunicação deve ser feita sempre antes de não sei que horas, para evitar atropelos. Tudo isto, em um texto atropelado e confuso.

Pego um lápis e começo a corrigir os absurdos. O chefete se aproxima e pergunta o que estou fazendo. Digo que estou tentando melhorar a redação, para que a comunicação se dê de maneira mais direta.

“No computador”, diz.

Pergunto “como assim” e ele esclarece que as correções devem ser feitas no computador, “pois aqui”, naquela porra, “neste escritório”, naquela merda, “nada é feito à mão”. Percebe o meu embaraço e me dá 24 horas para aprender a trabalhar no computador, “se não quiser ceder a vaga para o segundo colocado”.

Agradeço comovido. Bom homem, o chefete.

Dia 6

Como não tem mistério, aprendo em poucas horas a mexer com o computador. Qualquer macaco com um parafuso a menos na cabeça mexe com essa porcaria que os especialistas acham a coisa mais complicada do mundo. Corrijo o texto, emendo, remendo, reviso, salvo, imprimo e entrego para o chefete com cara de bunda, que encaminha para o chefe com cara de merda e que deverá fazer chegar urgentemente ao colo do chefão, que deverá ter cara de cagão.

Passo o dia inteiro sentado, escrevendo e corrigindo besteiras, e no final da tarde pego o ônibus para casa. Ônibus cheio de

doer. Nunca vi tanta gente fedorenta neste mundo. Nem no hospício.

O sujeito suarento em minha frente tem uma mancha enorme de sujeira no meio das costas e um mau cheio insuportável no corpo, que se espalha pelo interior do ônibus toda vez que ele levanta o braço.

Chego em casa muito cansado, mas sinto vontade de escrever um poema, que começo assim: “Estou cansado, cagado e infeliz”.

Amanhã continuo ou não.

Dia 7

Os sonhos são tenebrosos. No primeiro, estou dentro de um enorme buraco escuro, não sei como fui parar ali. Ouço gritos lá fora, sirenes ligadas, latidos de cães danados, vozes de caçadores autoritários. Procuram-me, me perseguem e já descobriram que estou escondido no buraco escuro.

Um diz: “joga uma bomba que ele sai correndo”. Outro ordena que espere, porque “mais cedo ou mais tarde o filho da puta vai sentir fome e botar a cara para fora”. Uma terceira voz berra: “mata logo esse bosta e vamos embora daqui”. Sinto uma vontade louca de urinar. Saio às pressas do sonho e

quando me dou conta já estou no banheiro, me aliviando, graças a Deus acordado.

O segundo sonho é com minha mãe, dizendo “reza, meu filho, reza mesmo dentro do buraco, reza pra Deus te ajudar. Procura sempre estar no lugar onde te sentes feliz”. Ouço a voz de Deus, a rouca e pesada voz de Deus, dizendo: “este aí nem reza salva”. Acordo com dor no estômago e lembro que fui dormir com fome.

Não quero voltar a dormir. Deus me livre.

Dia 8

Lembro das palavras de minha mãe, em meu sonho, dizendo que devo procurar sempre estar no lugar onde me sinta feliz. E com este pensando e as palavras de minha mãe em meus ouvidos eu faço café, esquento pão e tomo café, depois lavo a xícara e tranco a porta de casa. Coloco as chaves de casa no bolso da bunda e atravesso a rua de cabeça erguida, entro no ônibus de cabeça erguida, desço de cabeça erguida no ponto mais perto do escritório e de cabeça erguida vou até a mesa do chefete. Paro diante dele e digo “bom dia”.

“Bom dia”, ele responde, sem sequer olhar para mim.

“Acho que você é um grandíssimo filho de uma vaca”, eu digo, serenamente.

O chefete me olha com os olhos esbugalhados, está amarelo de dar pena. Ameaça gaguejar alguma coisa, mas não diz nada.

Saio do escritório pensando nas palavras de minha mãe em meu sonho, cada vez mais convencido de que o homem deve procurar sempre o lugar onde se sinta feliz, e entro em outro ônibus. Pouco depois já estou na porta do hospício, de onde saí faz só uma semana e parece que já tem tanto tempo.

O homem da guarita abre a porta de aço e pergunta se está tudo bem comigo. Digo que está tudo bem comigo, pergunto se está tudo bem com ele e estiro os braços para os dois enfermeiros que se aproximam. Eles enfiam em mim a camisa-de-força e um terceiro vem chegando, com a seringa na mão. Olham-me com profissional desinteresse, mas percebo o pequenino sorriso de vingança. Ofereço o corpo e a veia, não crio qualquer dificuldade.

Aprendi a conviver com essa gente.

Quando você começou a gostar de ler?

LUÍS – Em minha casa ninguém lia, não havia livros em minha infância. A família era humilde e não tinha dinheiro para gastar com "essas coisas". Descobri os livros na biblioteca pública de Feira de Santana, onde passei a infância. Minhas primeiras leituras foram de livros de aventuras, como *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, e *Moby Dick*, de Herman Melville. Depois vieram os brasileiros: Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade.

Como você começou a escrever?

LUÍS – Comecei para imitar amigos que escreviam. Participei de um grupo de literatura que até hoje existe, o Grupo Hera. Iniciei com poemas, passei para os contos e depois para textos de humor e literatura infanto-juvenil.

Como nascem suas histórias e personagens?

LUÍS – Não há nenhum ritual nem disciplina. Minhas histórias surgem quando menos es-

pero. Meus personagens me procuram e me acham, onde quer que eu esteja.

Quais são seus autores preferidos?

Luís – Graciliano Ramos, Luiz Vilela, Miguel Sanches Neto, Antonio Brasileiro, Roberval Pereyr, Juan Rulfo, John Steinbeck e J.D. Salinger, entre outros.

Além de escrever, o que você também gosta de fazer?

Luís – Gosto mais de ler do que de escrever. Também gosto de ir ao cinema e de ouvir música (brasileira, principalmente).

Você já tem novos projetos de escrita para o futuro?

Luís – Tenho sempre projetos de escrita. No momento, trabalho em um romance, finalizo um livro de poemas e também uma biografia romanceada do compositor Luiz Gonzaga para o público infanto-juvenil.

Que tipos de iniciativas podem ser feitas para incentivar a prática da leitura entre jovens e adultos?

Luís – A iniciativa do MEC com o prêmio Literatura para Todos é um excelente exemplo, pois reúne o que há de melhor para se alcançar esse objetivo: livros de graça, de vários gêneros e de autores diferentes.

A leitura torna mais vasto o mundo de quem lê. Também desperta a sua imaginação e você ganha condições de aprender e desenvolver seu senso crítico e cultural. Quanto mais livros você ler, mais aumenta o prazer de ler, mais alegrias você terá com a leitura. Com isso, todos ganham, você, a sua família, a sua comunidade e a sociedade em que você vive.

Pelo Brasil afora, muita gente tem trabalhado para estimular a prática e o acesso ao livro e à leitura. Projetos, programas e ações que envolvem todos: governos, universidades, escolas, empresas, ONGs e os cidadãos. Todas as propostas fazem parte do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, do Ministério da Cultura. Um dos objetivos desse empreendimento é fazer funcionar bibliotecas públicas em todos os municípios brasileiros.

É na biblioteca que você vai encontrar apoio para seu desenvolvimento pessoal e educação formal. Além disso, nesse espaço você vai poder conhecer sobre a herança cultural do seu povo, vai ter a oportunidade de

tomar apreço pelas artes e pelas realizações da humanidade.

Visite uma biblioteca, pergunte ao bibliotecário como é que ela funciona e como você pode ter livros emprestados. A biblioteca pública é de todos e para todos.

As ilustrações de *Cabelos molhados* contribuem com a abordagem dos diversos aspectos da natureza humana proposta pelo autor. O artista André Cerino adaptou a técnica acrílico sobre tela para a aquarela sobre papel, especialmente para ilustrar as páginas deste livro.

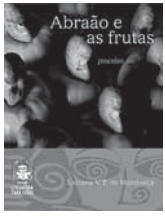
A aquarela é um processo de pintura sobre papel que utiliza tintas diluídas em água e se distingüe pelo uso de cores transparentes sobre um fundo branco ou de outra cor clara.

Foram escolhidos os textos que propiciaram a construção de formas a partir de cenas, personagens, diálogos, elementos ou idéias.

O resultado você confere nas oito ilustrações distribuídas ao longo do texto. Os elementos gráficos criados pelo artista traduzem uma visão surrealista dos fatos. Esse conceito artístico conduz o olhar do leitor sobre vários pontos de vista, seja angular, temporal ou atemporal.

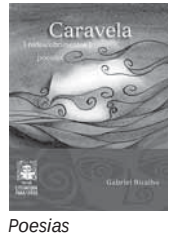
Movimento literário e artístico lançado em 1924 pelo escritor francês André Breton. Caracteriza-se pela expressão espontânea e automática do pensamento.

Outros livros desta coleção



Poesias

Tradição oral



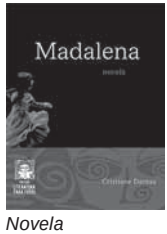
Poesias

Contos

Poesias

Teatro

Biografia



Novela

Crônicas

Produção gráfica e editorial

SUPERNOVA PROJETOS EDITORIAIS

Coordenação de produção
Cristina Guimarães
cristina@supernovadesign.com.br

Projeto gráfico e capa
Ribamar Fonseca
ribamar@supernovadesign.com.br

Projeto editorial, edição e revisão do texto
Alessandro Mendes e Iara Vidal
alessandro@azimutecomunicacao.com.br
iara@azimutecomunicacao.com.br

Ilustrações
André Cerino
cerino@cerino.com.br

Editoração eletrônica
Fernando Alves
fernando@supernovadesign.com.br

Auxiliar de produção
Adriana Mattos
adriana@supernovadesign.com.br

O papel da capa é o Duo Design 240g/m² e o papel do miolo é o Pólen bold 90 g/m². A fonte de texto é a Versailles, corpo 11,5 pt, projetada por Adrian Frutiger em 1984, serifada, baseada nos tipos franceses desenhados no século 19. As notas explicativas laterais foram retiradas dos dicionários da língua portuguesa Houaiss e Aurélio e informações dos autores.

Impresso pela Gráfica e Editora Brasil para o Ministério da Educação em novembro de 2006.

O tal do repórter parecia um carro-de-boi no atoleiro:

"O senhor matou? Matou ou não matou? O senhor matou?"

Nenhuma panela mais nos armários. Roupas arrancadas do baú. Móveis e a cama de pernas para o ar. Os homens quebravam tudo, em algum lugar o corpo estaria. Viram o poço no fundo do quintal, correram até lá. "Vai ver está ali, afogada". Ananias enxugava as lágrimas nos pêlos da mão e futucava os dentes com um palito de fósforos.

Ministério
da Educação

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

ISBN 85-296-0052-5
9 788529 600529

LITERATURA
PARA TODOS

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo